

RESPONSABILIDADE MUSICAL¹

Cláudio Weizmann²

Resumo: O autor e maestro relata como se deu a implementação do projeto musical da Orquestra Jovem Lar das Crianças. O artigo reflete como se construiu a relação entre a entidade social e a ação cultural, criando as condições e credibilidade para um trabalho que atendesse às necessidades da entidade, respeitando a condição das crianças e propondo transformações sem perder o foco na qualidade artística. O profissionalismo, a relação entre a orientação pedagógica e a coordenação artística, a clareza de objetivos e a construção de linguagens e metodologias nortearam a prática artístico-educativa, influenciando o planejamento, o desenvolvimento, o repertório e os resultados do projeto.

Palavras-chave: crianças, música, ação cultural, trabalhos sociais.

(Music Responsibility)

Abstract: The author/conductor writes about the implementation of the musical project Orchestra Young Home of the Children (Orquestra Jovem Lar das Crianças). This paper concerns the construction of a two-way collaborative process within a social institute, which can also be seen as an initiative of cultural action aiming to create conditions and credibility for an educational project that provided for a) the necessities of the entity and b) the participants' individuality and background, without losing focus on artistic quality. Professionalism, pedagogical orientation, artistic coordination, clarity of objectives, and the construction of languages and methodology guided the artistic-pedagogical practice, and influenced the planning and evolution of the program.

Key-words: children, music, cultural action, society works.

¹ Artigo escrito para o 3º Fórum Associação Brasileira de Metalurgia de Responsabilidade Social, de 24 a 26 de abril de 2007, São Paulo, SP, com o Concerto de Abertura da Orquestra Jovem Lar das Crianças.

² *Maestro, Professor da Faculdade Mozarteum de São Paulo e da Universidade Livre de Música Tom Jobim-São Paulo, mestrando em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie.*

*“não há talento tão pequeno que não mereça
uma oportunidade”
(Shinishi Suzuki)³*

Apresento neste artigo a atualidade do projeto cultural da Orquestra Lar das Crianças CIP, no qual participo como maestro e coordenador artístico desde março de 2005 e quais os aspectos musicais e os saberes mais relevantes que consideramos para alcançar o entendimento amplo das questões que perspassam a atividade musical nestes contextos. Muitas destas questões necessitaram de esclarecimento para formular linguagens adequadas à construção do projeto musical que reúne artistas, alunos, entidades sociais, produtores culturais e empresas num mesmo diálogo afinado para o bem comum.

Creio que tão importante quanto o *“como funciona”* é o *“porque funciona”*.

Os protagonistas da nossa orquestra⁴:

A Orquestra de Violões do Lar das Crianças é formada por 40 jovens com idade entre 10 e 18 anos, sendo que 15 integrantes fazem parte do PPV (programa Passaporte Para a Vida), formado por jovens acima de 15 anos assistidos pelo Lar das Crianças e que recebem orientação sobre cursos profissionalizantes, freqüentam cursos técnicos e são encaminhados para o mercado de trabalho. Esses jovens freqüentam o Lar duas vezes por semana, freqüentando as aulas de violão e o curso de informática. Recebem também assistência médica e odontológica. O PPV é supervisionado por uma assistente social.

A criança a partir de 10 anos tem livre acesso para freqüentar as aulas de violão e a orquestra, geralmente estão cursando a 4ª série e freqüentam o Lar das Crianças todos os dias. A partir da 6ª série as crianças começam a fazer parte do Projeto Escolher e passam a freqüentar o Lar das Crianças de duas a quatro vezes por semana. Além das aulas de violão e orquestra, elas são encaminhadas para os projetos: Tapeçaria, Cozinha Experimental, Marchetaria e Informática.

Para as crianças fazerem parte da entidade as famílias passam por entrevista no serviço social para avaliação sócio-econômica, e se o caso é pertinente à entidade. A partir do encaminhamento do serviço social é feita uma avaliação pedagógica, psicológica, médica e fonoaudiológica envolvendo a família e a criança. Após as avaliações é discutida com a equipe técnica e a direção a aceitação ou não do caso. As



³ SUZUKI, Shinishi. **Educação é Amor**: um novo método de educação; tradução de Anne Corinna Gottber. Santa Maria: Pillotti, 1994. p.40.

⁴ Dados gentilmente fornecidos pela Orientadora Pedagógica do Lar das Crianças, Nanci de Lima (psicóloga e pedagoga).

crianças que são aceitas geralmente estão em situação de vulnerabilidade tanto financeira como emocional. A criança para ser aceita tem que ter um responsável: pai, mãe ou outro familiar.

As crianças recebem alimentação, convênio médico e odontológico, atendimento psicológico, fonoaudiológico, pedagógico e transporte escolar. As famílias recebem orientação familiar e são encaminhadas para projetos para geração de renda que são dados no próprio Lar das Crianças: Tesourinha, Panificação, Tapeçaria e Marchetaria.

A Orquestra de Violões trouxe muitos benefícios para as crianças. Podemos avaliar através da melhoria do desempenho escolar das crianças com dificuldades de leitura e escrita, que talvez buscaram o estímulo ao ler as pautas musicais.

Percebemos que, com a orquestra, as crianças sentiram-se muito valorizadas, melhorando a auto-estima. Houve uma ampliação do universo cultural, cooperou para o desenvolvimento de habilidades da responsabilidade, trabalho em grupo e o compromisso responsável de ser integrante da orquestra. Hoje são crianças mais criativas que de certa forma estão aprendendo a olhar o mundo com mais sensibilidade.

As aulas de violão ocorrem às segundas feiras de manhã com o professor Phillipe Antunes que leciona para duas turmas (iniciante e avançada) e no período da tarde com a professora Juliana Castro, também com duas turmas (iniciante e avançada). Os ensaios da orquestra ocorrem com estas mesmas turmas e períodos nas quartas feiras com o maestro Cláudio Weizmann.

Os primeiros contatos:

Quando fui convidado em 2004 para realizar um trabalho musical no Lar das Crianças, a equipe diretiva manifestava abertamente preocupações e prioridades frente às necessidades e demandas organizacionais e das ações sócio-educativas. O Lar das Crianças ainda seguia muito dos modelos assistenciais da sua criação em 1937⁵ e, assim como as escolas e universidades⁶, necessitava de urgentes e profundas mudanças estruturais. Era evidente a busca, não apenas de mais um trabalho ocupacional com as crianças, mas sim a busca de novas linguagens e ações, pois várias das atividades com as crianças apresentavam dificuldades de resultados, inclusive a música.

Isto significava que as bases do nosso projeto cultural se reportariam desde o início a muitas outras questões além da música.

Os desafios:

Precisávamos pensar num projeto complexo e transdisciplinar⁷ de forma a garantir que ele funcionasse junto às crianças e à instituição, que tivesse qualidade musical, e que oferecesse caminhos de continuidade.

⁵ Cf. histórico, disponível em <www.lardascrianças.org.br>

⁶ ZABALZA, Miguel.A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

⁷ MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento; tradução Eloá Jacobina-12^a ed.-Rio de Janeiro: 2006.

A dimensão da instituição:

O Lar das Crianças foi fundado em agosto de 1937 para atender órfãos e os filhos das famílias judaicas que fugiram das perseguições racistas na Europa durante a segunda guerra mundial. Para sua instalação, uma casa foi alugada na Alameda Barão de Piracicaba nº 670 em São Paulo com o apoio econômico do Joint, organização norte-americana de auxílio a refugiados. No início, 36 crianças ficavam abrigadas, 19 delas internas e 17 que passavam e voltavam para as famílias à noite⁸. Muitas famílias chegavam ao Brasil sem condições financeiras, de habitação, sem dominar a língua, com necessidades materiais, de saúde e de toda ordem.

Nestes 70 anos de trabalho, o Lar das Crianças atualizou permanentemente o seu trabalho, após promover a readaptação das famílias refugiadas, também passou a assistir novas famílias que buscassem ajuda para superar dificuldades semelhantes. Hoje, apenas 11% das crianças atendidas pelo Lar são judias e entre 2005 e 2006 a entidade passou pela sua mais profunda reforma nos moldes de ação onde, deixou de ter crianças pernoitando (BRASIL-exigência do Estatuto da Criança e do Adolescente), na reforma total do prédio e equipamentos e principalmente mudança de mentalidade e de conceitos que a colocam entre as mais modernas e eficientes entidades sociais da atualidade⁹.

O Lar das Crianças faz parte dos trabalhos sociais do terceiro setor, dos quais tanto se fala hoje, que geram relações sociais diretas de ação e também se manifestam como o grande caminho para a democratização da arte e da cultura. Suas ações fazem parte da construção de pensamentos e linguagens contemporâneas extremamente dinâmicas, ligadas diretamente à comunidade.

As entidades sociais também passam por grandes mudanças, deixam de ter uma posição linear baseada no patrimônio material, nas doações e na prática assistencial. O patrimônio humano passa a ser a sua verdadeira vocação e a determinar o seu valor, a missão converte-se em profissionalismo, o filantropo passa a patrocinador que cobra resultados, o presidente se torna gestor destas novas perspectivas e funções que se apresentam de forma transdisciplinar e em construção¹⁰.

Dentro destas novas perspectivas que levam em conta a pluralidade de saberes, muito além dos específicos de cada área do conhecimento e das boas intenções, necessitamos de parâmetros relativos também à área da educação, das identidades, das novas tecnologias, da democratização, da construção do conhecimento, comunicação e principalmente da complexidade destes universos. Este novo “tecido” composto pelo entrelaçamento destas áreas nos indica que está surgindo, na verdade, uma nova maneira de pensar e contextualizar responsabilmente as nossas ações.

A capacitação dos novos e a recapacitação dos antigos profissionais¹¹ do ensino musical e dos que trabalham na área de responsabilidade social, escolar e terceiro setor também tem que ocorrer simultaneamente, pois estas novas articulações de

⁸ Cf. A “Congregação Israelita dos Pequenos” História do Lara das Crianças e da Congregação Israelita Paulista, Editora Narrativa Um, São Paulo, 2003 (edição histórica disponível na Biblioteca da CIP)

⁹ Prêmio “Bem Eficiente” 2006 outorgado por Kanitz&Associados para as 50 melhores entidades beneficentes da década.

¹⁰ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra 1996.

¹¹ DOWBOR, Ladislau. tecnologias do conhecimento: os desafios da educação disponível em < <http://dowbor.org/artigos.asp> > acesso em: 12 mar. 2007.

pensamento serão refletidas em todas as etapas de planejamento, implantação e avaliação de resultados.

Outra questão refere-se ao que chamarei aqui de *Ambiente Cultural*. Este conceito envolve um conjunto de ações que partem da concepção do projeto, da orientação pedagógica, e se estendem até a participação e reflexos na família dos alunos, na comunidade e na área cultural.

Há uma diferença entre *movimento cultural* e *trabalho cultural*:

O primeiro é pontual e de valor imediato, porém passageiro. Trata-se de um show, um concerto com uma orquestra convidada, uma exposição que vem à cidade. O segundo frutifica e permanece na cidade para sempre. O *trabalho cultural* vai muito além do que proposta inicial ou pontual, estabelece um ambiente cultural efervescente e dinâmico na instituição e os resultados humanos e artísticos são incomensuráveis.

A dimensão dos diálogos – as linguagens se encontrando:

Como já vimos, para que o projeto fosse pertinente à realidade do Lar das Crianças, atendesse as expectativas de modernização, tivemos o permanente cuidado com a questão da transdisciplinaridade e de como funcionam as relações entre objetivos, formação de orquestras, seleção dos alunos, construção dos conteúdos, repertório musical e avaliação. Porém, tudo isso tem apenas a grande função de qualificar o trabalho nos seus dois objetos fundamentais: *a música e os alunos*. Perscrutamos as relações do conhecimento específico do nosso trabalho musical que existem entre a arte e a educação, que muitas vezes perdem a fluência e diálogos por falta de vocabulário e capacitação das duas partes.

A forma de conceber arte, muitas vezes sacralizada¹² e tratada apenas nos parâmetros da performance e da estética, muitas vezes não permite perceber que as oportunidades geradas pelo ambiente educacional são a maior fonte de democratização e revelação de talentos. Por outro lado, a educação tende a “metodogisar” a arte, correndo o risco de torná-la permanentemente uma iniciação infantil hegemônica, uma subcultura musical¹³ o que asfixia a possibilidade de reais experiências, vivência artística e perspectivas futuras do aluno.

Outra questão fundamental do projeto cultural, sua implementação e construção, está ligada à formação dos professores ou arte-educadores, que são os agentes diretos da formação e os mediadores entre as outras áreas de ação do projeto e os alunos-musicistas. Que saberes este novo professor de música deve dominar, pois se por um lado sua *autoridade* depende do conhecimento¹⁴ profundo e pleno da música e do instrumento, por outro sua *responsabilidade* residirá no comprometimento com a formação humana do aluno e do grupo.

A dimensão pedagógico-musical

O livro de Suzuki “Educação é Amor” surgiu como uma luz no meu caminho artístico e educacional, no qual eu trabalhava de forma intuitiva e empírica o *ensino*

¹² HENSY de GAINZA, Violeta. **Estudos de Psicopedagogia Musical**: São Paulo: Sammus, 1988, p.34.

¹³ SWAMWICH, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**: tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho, São Paulo: Moderna, 2003, p.50.

¹⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra 1996.

coletivo já há alguns anos. Também já percebia o grande e ainda desconhecido potencial das ações de ensino coletivo na música. Qualquer proposta coletiva era até então encarada como inadmissível dentro da visão tradicionalista de que só a aula individual de música poderia gerar qualidade de aprendizado.

Suzuki foi um grande mestre do violino e na primeira metade do século 20 realizou um trabalho cultural no Japão que influenciou diversas gerações através do ensino coletivo com milhares de alunos¹⁵. O curioso é que neste seu livro de música não há nenhuma nota musical, contudo, contém relatos simples e emotivos de vivências com seus alunos, aos quais ele devota toda a sua obra musical e educacional.

Iniciei o meu trabalho como professor de música e maestro em 1984. Não se falava ainda em responsabilidade social, 3º setor, leis de incentivos, computador pessoal, celular e eleições para presidente. Vejam só!

Neste breve período que nos separa da nossa época muitas mudanças ocorreram, de forma extremamente rápida e contundente, nas relações sociais e humanas. Estas mudanças foram impulsionadas principalmente pelas novas tecnologias, pela transformação da era industrial em sociedade do conhecimento e às novas ordenações político-econômicas globais.

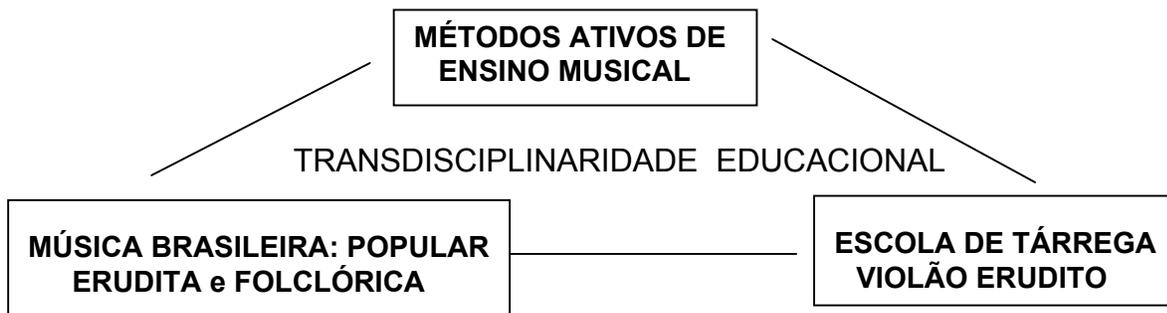
Como construir uma metodologia que valha para esta atualidade, que responda à multiplicidade de novos pensamentos, que possa fazer frente aos meios de comunicação, à cultura de massa e causar interesse nas tantas crianças e jovens que encontraríamos?

No Lar das Crianças propusemos objetivos ambiciosos desde o primeiro momento e o principal foi a formação de uma orquestra, mesmo sabendo que as crianças nunca haviam tocado um instrumento. As crianças foram ótimas, apostamos nelas e ganhamos!

1. As Aulas:

Metodologia “Violão Orquestral” - interfaces do saber específico

A metodologia Violão Orquestral relaciona três áreas do conhecimento musical transdisciplinar com conceitos educacionais. São saberes inerentes às novas necessidades e demandas dos trabalhos artísticos, sociais (terceiro setor), educacionais (escolas) e musicais (criação de novas orquestras de violões):



¹⁵ SUZUKI, Shinishi. **Educação é Amor**: um novo método de educação; tradução de Anne Corinna Gottber, Santa Maria: PIlotti, 1994.

Métodos ativos – surgiram na primeira metade do século XX através das observações e trabalhos de Dalcroze (Suíça) e seguidas por Kodály (Hungria), Weillems (Bélgica), Orff (Alemanha), Suzuki (Japão), Martenot (França), Villa Lobos (Brasil). Esses Métodos passam a focar a música, não mais como um ente de ordem estética, mas como em elemento transformador e engrandecedor do ser humano, numa época de profundas transformações filosóficas, demográficas, científicas e palco das duas grandes guerras mundiais.

Escola de Tárrega – Francisco Tárrega (Espanha, 1852 - 1909) é conhecido como o *pai do violão moderno*. Retirou o violão do ostracismo da segunda metade do séc. XIX imposto pela exuberante expansão e modismo do piano. Tárrega redefiniu a técnica, postura e tamanho do violão moderno. Resgatou a obra dos primeiros grandes mestres clássicos: Carulli, Carcassi, Sor, Giuliani, Aguado, Coste. Também fez recitais com transcrições dos grandes autores românticos da época, nos melhores teatros da Europa e destacou-se como compositor e pedagogo, elevando o violão à merecida categoria de instrumento de concerto. Sua obra chega ao Brasil através do trabalho de Isaías Sávio (1900 – 1977).

Música brasileira – O Brasil possui uma musicalidade singular e única, em riqueza melódica, harmônica e rítmica. As crianças já possuem um universo e um ouvido interior muito estimulado e “acostumado” a elementos sofisticados como a síncopa no ritmo, as anacruses e os intervalos dissonantes na harmonia. Estes elementos estão presentes no seu inconsciente musical desde cedo. O aproveitamento do folclore e do cancionário popular brasileiro nos leva a considerar que esta sofisticação deve ser aplicada desde o aprendizado mais inicial, sob o risco de ensinarmos rudimentos musicais de metodologias distantes e obsoletas, caindo em imediato desinteresse, pois ela (a criança) já está muito além. É o aprendizado musical da língua materna, como diz Suzuki. Esta também é fonte para abertura de novos repertórios que o violão não possuía no seu embasamento técnico-teórico.

2. A Orquestra:

O repertório da orquestra foi escrito de forma a colaborar com as aulas e com o aprendizado artístico, nos sentidos técnicos, musicais, teóricos e históricos. A escolha das obras segue uma metodologia de construção e criação que permite que os alunos aprovelem ou não a sua adoção pelo grupo. Os arranjos e partituras são escritos inicialmente em forma de teste, apenas com alguns trechos da música e com a exposição de suas correlações artísticas e históricas pelos professores. Conforme o resultado sonoro e a identificação com as crianças, a obra é apresentada em palco.

As propostas iniciais de obras são feitas pelo maestro, pelos professores, pelos alunos, pelos funcionários de entidade ou pela necessidade do momento, isto é, uma festa ou comemoração religiosa, cívica, social, etc.

Nesta dinâmica, o maestro deixa de ser o proponente central e passa a intermediar o processo criativo coletivo para escrever os arranjos. Este arranjo passa a agregar um conteúdo que vai muito além das notas musicais, tonalidades, divisões...

Isto se reflete nas apresentações da orquestra. O público se encanta com este grupo ainda não artístico. Quem ouve, não sabe conscientemente o que é, mas sua percepção acusa que há algo novo e de muita força naquelas músicas.

O universo de pesquisa musical enfoca a multiplicidade que vai do clássico ao popular, do erudito ao folclórico, do renascimento ao moderno, do nacional ao internacional. A multiplicidade oferece o contato dos alunos com todos os estilos e épocas e este fator é decisivo para a criança poder opinar e escolher do que ela mais gosta e do que ela não gosta.

A dimensão da continuidade, da autossustentabilidade e do patrocinador:

Uma vez que, em se tratando de um trabalho de terceiro setor, o nosso planejamento requeria propostas também para a sua continuidade e plano de autossustentabilidade, empenhamo-nos, em elaborar um projeto cultural formatado nos moldes da Lei Federal de incentivos à Cultura ou Lei Rouanet como é mais conhecida. Isto ocorreu paralelamente à implantação das atividades musicais inicialmente financiadas pelo próprio Lar das crianças.

O nosso projeto de patrocínio através da lei de incentivos inclui um ano de atividades da orquestra e a produção de um concerto com artista convidado. O projeto foi totalmente aprovado pelo MINC (Ministério da Cultura) sob o nº 056654 e está no momento aberto a receber patrocínios que contam diretamente com benefícios fiscais da lei.

Para a nossa aproximação das empresas, principalmente as que nunca incentivaram projetos culturais, sabemos que ainda são necessários esclarecimentos tanto no que diz respeito à seriedade e credibilidade dos profissionais da área cultural quanto às políticas das empresas sobre responsabilidade social.

Apesar de parecer cristalina a idéia de que as Leis de Incentivos e os patrocínios são o grande caminho, e o único palpável, para os projetos de continuidade das orquestras, ainda existem desafinações.

A autossustentabilidade tem ganhado cada vez mais um papel de destaque nos debates e nos congressos de Responsabilidade Social. Estas preocupações giram principalmente em torno de como os investimentos das empresas na área social poderão dar o “impulso inicial” aos projetos para que, futuramente, eles possam ganhar autonomia, de forma que estes investimentos sejam redirecionados a outras ações e privilegiem todas as áreas solicitadas pela própria comunidade.

Beleza! Este é um pensamento bem digno e coerente.

Porém há um esclarecimento importante: no Brasil, quando falamos de projeto cultural, temos que tratá-lo de forma diferenciada dos outros projetos de responsabilidade social, pois existe uma variável importantíssima: as Leis de Incentivos à Cultura, também conhecidas como Leis do Mecenato¹⁶.

¹⁶ Lei do Mecenato é o nome utilizado oficialmente pela Lei Federal 8.313/9 de Incentivos à Cultura (apelidada de lei Rouanet, Deputado Federal que cuidou da sua elaboração). Este nome tem origem em Caius Mecenas que viveu em Roma (69-8a. C.) e ganhou fama por patrocinar pessoalmente os poetas pobres, tendo seu nome transformado em substantivo *mecenas* que significa incentivador das artes.

Estas leis foram criadas especificamente para dar autossustentabilidade e autonomia aos projetos culturais, que por princípio não geram produtos vendáveis e estão fora da chamada, por Adorno¹⁷: *indústria cultural*.

Com o uso das leis do mecenato, o suporte financeiro do projeto cultural deixa de ser oriundo das verbas da empresa para a responsabilidade social, e passa a advir da renúncia fiscal do governo em prol de atividades culturais que podem ser mais bem geridas pelas instituições sociais, artistas e empresas, por estarem estas mais próximas das realidades cotidianas da sociedade e também por muitas vezes já contarem com equipamentos adequados para estas ações.

A ordenação destes fatores leva-nos a conclusão de que existe um cenário específico para os projetos culturais que difere estruturalmente de todas as outras ações de responsabilidade social. As leis de incentivos à cultura são a única forma possível de autossustentabilidade dos projetos culturais.

Se a empresa retira este mecenato de orquestra exigindo que ela conquiste autossustentabilidade, estaremos “andando em círculos”. A orquestra nunca gerará renda para se auto-sustentar, e é por isso que sempre existiram os mecenas...

A solução para a empresa não ficar eternamente presa a um único patrocínio é promover a agregação de novos patrocinadores durante o projeto, multiplicando assim a sua parte da ação cultural e beneficiando a todos.

As empresas passam a ter o importantíssimo papel de mecenas sociais.

Nesta dimensão o patrocinador muitas vezes deixa de ser apenas um investidor interessado apenas no marketing e na imagem e passa se preocupar diretamente com os reflexos do projeto na comunidade. Como a comunidade também é formada pelos funcionários desta empresa, seus filhos e amigos, surgem comprometerimentos interpessoais e humanos nos desdobramentos do projeto. Cabe ao projeto e à empresa estabelecerem um diálogo saudável, uma escuta atenta para a preservação deste patrimônio humano-cultural.

Os resultados:

Na verdade, quando se fala de arte-educação e cultura, não podemos pensar em resultados a curto prazo, mas temos alguns fortes indicadores do momento futuro da orquestra e de alguns dos seus alunos, a avaliação das crianças e jovens se dá de forma evolutiva e por vários aspectos. Temos alunos que já manifestaram grande talento e engajamento com o trabalho artístico e almejam seguir o curso superior de música, mas os resultados vão bastante além destas proposituras. Muitas crianças mudaram decisivamente sua visão de mundo e de si mesmas. Não que tenhamos a arrogância de querer mudá-las ao nosso molde, mas temos relatos de pais e educadores surpreendentes, para não dizer emocionantes de iniciativas que partem delas mesmas. Isto é o que vale!

O “virtuose” é conseqüência e não objetivo.

¹⁷ Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno (1903 - 1969): filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. Foi membro da Escola de Frankfurt e grande crítico da cultura de massa e do entretenimento, a qual chamou de *Indústria Cultural*.

Além de todo o processo de formação educativa, há uma imensa produção de concertos, gravações, publicações, apresentações em dezenas de entidades, asilos, escolas, e também junto com grandes artistas e nos melhores teatros.

O trabalho está completo!

As crianças são sujeito e não predicado.

Concertos do ano 2006: Brooklin Fest, Teatro Arthur Rubinstein, Tom Brasil – Abertura do “Prêmio Bem Eficiente”, Teatro da Congregação Israelita Paulista com Toquinho, Theatro Arthur Rubinstein – Encontro das orquestras Lar das Crianças com a Camerata Paulinho Nogueira (ULM) nos Concertos do Meio dia, Festa do grupo Chaverim (crianças especiais) clube A Hebraica de São Paulo, Apresentação para Grupo de Terceira idade da Congregação Israelita Paulista – Clube das Vovós.

Concertos do ano 2005: Igreja Anglicana do Brooklin – São Paulo, Festa de Pessach no Lar das Crianças, Serviço Religioso (Shabat) na Sinagoga da CIP, Palácio dos Bandeirantes com apresentação de Raul Cortês, Serviço Religioso de Bar/Bat - Mitzva – Sinagoga da CIP. Festa do Clube das Vovós na CIP, Festa de Natal e Chánuca do Lar das Crianças.

Os projetos culturais bem feitos são o grande caminho para a educação musical e artística. São projetos que unem as áreas da arte, da educação e dos trabalhos sociais que são o único meio de realmente democratizar a arte e transpor o abismo imposto pela elite e pela indústria cultural. A volta da música no ensino escolar deveria seguir este modelo e agir em convênio com as entidades sociais.

No âmbito pessoal, aprendo muito com as crianças. Elas são a luz do mundo e a minha maior motivação.

Agradecimentos:

Aos diretores, presidentes, voluntários e a toda a fantástica equipe do Lar das Crianças pelo ambiente exemplar e da mais alta dignidade profissional e humana que trabalhamos: À ex-presidente Mônica Elkis, à atual diretora Margrit Herzberg, à equipe de coordenadores Tomas Freund, Kátia Honora, Nanci de Lima e Eve Pekelman.

Aos jovens Professores Juliana Castro, Phillipe Antunes e Paulo Teixeira que, com tanta competência e sensibilidade, me acompanham nesta jornada.

Ao programa de Pós-graduação em Educação, Arte e história da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie e à Professora Doutora Maria da Graça Mizukami pelas valiosas orientações.

À Associação Brasileira de Metalurgia pelo gentil convite para a nossa orquestra participar da cerimônia de abertura do 3º Fórum ABM de Responsabilidade Social.

Aos nossos jovens alunos: “Se todos fossem iguais a vocês, que maravilha viver...”